

## **Cabeça Nua: um filme sobre lenços que mostram e escondem<sup>1</sup>**

Isis DRUMOND<sup>2</sup>

Raiza MARTINS<sup>3</sup>

Prof. Dr. Rodrigo CERQUEIRA<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este paper descreve o processo de produção do documentário “Cabeça Nua”, que partiu da vontade de esclarecer a relação entre as mulheres que passam por tratamento oncológico e o lenço de cabelo, uma peça habitual no guarda-roupa das pacientes com câncer. Afinal, ele embeleza ou estigmatiza? Para umas, é a chance de seguir a vida e mostrar que nada mudou em seu cotidiano. Para outras, um sinal da dor e da morte, que elas veem refletido no seu próprio olhar e no olhar do outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; câncer; lenço; quimioterapia; beleza.

### **1 INTRODUÇÃO**

Um efeito colateral comum de alguns tratamentos do câncer é a perda dos cabelos dos pacientes. No caso das mulheres, esse sintoma impacta diretamente a autoestima e aumenta a tristeza vivida com frequência por elas em função da gravidade da doença. Como lidar com um mal dessa proporção e ainda ter que encarar o olhar de pena ou de dor do outro? Como solução paliativa, as pacientes recorrem aos lenços coloridos, que sobre as cabeças emulam cabelos, libertam-nas e, simbolicamente, as marcam como mulheres fortes que enfrentam a doença sem se curvar. Mas será que o uso do lenço tem esse efeito simbólico para todas as pacientes? Foi para responder a essas questões que propusemos o filme “Cabeça Nua”, videodocumentário que mostrar histórias de mulheres pacientes de quimioterapia e sua relação com a beleza e a autoestima num momento de fragilidade em suas vidas.

A pesquisa prévia para realização deste documentário nos mostrou que a relação das pacientes de quimioterapia com o lenço tem extremos bastante claros e muitas nuances. Há mulheres que dizem se sentir mais belas com o lenço e buscam combiná-lo com as demais peças do vestuário, enquanto outras o recusam e se afastam do convívio social durante todo

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom, 2016, na categoria Cinema e Audiovisual, modalidade “CA 02 filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso)”.

<sup>2</sup> Recém formada do curso de jornalismo da Universidade Vila Velha. isis\_drumond@hotmail.com

<sup>3</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 3º período de jornalismo da Universidade Vila Velha. rayza-martins@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo da Universidade Vila Velha. rodrigo.cerqueira@uvv.br

o tratamento. Há aquelas que enxergam como uma chance de seguir com a vida profissional e social, enquanto outras atribuem ao uso do lenço um olhar diferente das pessoas, como se carregassem uma marca de fragilidade.

O “Cabeça Nua” nasceu para desmistificar os tabus que envolvem o câncer. Ele veio da vontade de dar voz às mulheres que querem ser reconhecidas pela força e não pela pena. Elas querem provar que a beleza não é refletida através dos fios de cabelo e sim do sorriso farto que torna o mundo ainda mais vivo. Durante a fase de pré-produção, a proposta do filme foi inscrita e aprovada no edital de Curtas Universitários, uma parceria entre o canal Futura, a Rede Globo e ABTU (Associação Brasileira de Televisão Universitária). Finalizado em novembro de 2015, o filme foi exibido em rede nacional pelo Futura em abril de 2016.

## **2 OBJETIVOS**

O objetivo deste videodocumentário é mostrar as várias nuances da relação das pacientes de quimioterapia com o lenço para, num sentido amplo, debater o quanto o tratamento interfere na autoestima das mulheres. O lenço que liberta, oprime. Enfeita e marca. Esconde e expõe.

Ao mesmo tempo, a partir das experiências das personagens, o filme pretende expor relatos que evidenciam o quanto o estigma social em torno do câncer ainda é presente, apesar dos avanços na detecção e tratamento da doença nos últimos anos. A mulher paciente de câncer aparece, aos olhos de boa parte da sociedade, de forma diminuída, como se estivesse condenada ao sofrimento e à morte. E a doença está marcada em sua cabeça nua.

Por fim, a exibição do filme em rede nacional e sua presença na internet e em festivais, ao mesmo tempo em que ajuda a enfraquecer o estigma provocado pelo lenço ou pela cabeça raspada das pacientes, serve de estímulo para que outras mulheres recuperem sua autoestima e se sintam mais bonitas apesar do tratamento.

### 3 JUSTIFICATIVA

A quimioterapia é uma das formas mais comuns de tratamento do câncer e tem como um de seus efeitos colaterais a queda dos cabelos do paciente. No caso das mulheres, esse efeito provoca fragilidade e perda da autoestima em função da mudança na aparência física, o que torna mais difícil o enfrentamento da doença em função da carga psicológica que traz.

No Brasil, a estimativa do Instituto Nacional do Câncer (INCA) indica que cerca de 600 mil novos casos de câncer serão detectados no biênio 2016-2017. Os tipos mais comuns da doença são os tumores de próstata, nos homens, e de mama, nas mulheres. Cerca de 58 mil novos casos dessa forma da doença devem surgir no Brasil em 2016, atingindo 5,6 em cada 100 mil mulheres (INCA, 2016).

A proposta de “Cabeça Nua” é esclarecer e retratar os dramas sofridos pelas mulheres que passam por um tratamento oncológico e mostrar que é possível continuar vivendo, mesmo com um desafio tão grande a ser enfrentado. A escolha do formato se deve ao fato de que um videodocumentário permite trabalhar com as histórias contadas pelas pessoas que as vivem, mas acrescentando o olhar do documentarista, que indaga a realidade de uma forma não convencional e provoca estranhamento sobre aspectos comuns do cotidiano.

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditamos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2012, p. 26-27).

Um personagem central no documentário é Fran Borges. Aos 33 anos, casada e mãe, ela detectou um tumor na mama e foi submetida à quimioterapia. Sua própria experiência e o contato com outras pacientes fez com que lançasse no Facebook a campanha “Bem Bonita!”, que incentiva mulheres a tirarem o lenço e assumirem o visual sem cabelos.

Pacientes em tratamento de todo o país enviaram à página fotos em que posavam maquiadas e produzidas, com as cabeças raspadas.

Diante do quadro da doença no Brasil, a intenção de “Cabeça Nua” é retratar o drama da mulher que passa por tratamento oncológico, sem torna-la vítima desta situação. Não objetivamos arrancar lágrimas de pena. O documentário foi preparado para encantar e emocionar pela força das personagens e suas histórias, não pelo aspecto de fragilidade vivenciado por elas.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para a construção deste curta-metragem, foi necessário produzir um roteiro bem detalhado para que as intenções fossem alcançadas ao longo do processo. Em um primeiro momento, entramos em contato com nossa personagem principal, Francielle Borges, para que entendêssemos melhor os objetivos e os desdobramentos da campanha “Bem Bonita”. Ela foi a nossa ponte para que chegássemos até às outras personagens da narrativa.

Para facilitar a comunicação, foi criado um grupo em um aplicativo de mensagens com o objetivo de estreitar os laços entre elas e a equipe de filmagem. Foram 15 dias de conversas até marcarmos o dia das entrevistas.

A intenção de colocar todas as personagens em uma mesma locação partiu da vontade de criar familiaridade entre as personagens. Foi escolhido o parque Pedra da Cebola, que é um espaço municipal de Vitória, no Espírito Santo, muito utilizado para prática de atividades físicas e piqueniques ao ar livre. Em meio ao caos da cidade grande, ele se mostra como uma boa oportunidade de se conectar à natureza.

Para o contexto do filme, nós precisávamos encontrar um local que traduzisse paz, aconchego, beleza, cor e calma. Por isso, optamos reunir todas para um café da manhã descontraído. No fim, as entrevistas não passaram de meras consequências do momento especial que foi vivenciado. Foi no contato com a natureza que elas conseguiram sentir tranquilidade para nos apresentar suas histórias. A escolha da experiência de um café da manhã no parque como forma de interação entre as personagens também teve o objetivo de

desfazer no filme a construção exclusiva de um documentário de entrevistas, sujeita a críticas em função de priorizar as falas em detrimento das imagens. Esse tipo de construção narrativa, muito influenciada pelo jornalismo televisivo, estabeleceria, segundo seus críticos, “a dominância do ‘verbalizável’, a fraca capacidade de observação de situações reais em transformação, a repetição de uma mesma configuração espacial (aquela típica da entrevista), a ausência de relações entre os personagens” (LINS; MESQUITA, 2011, p. 30)

Outra questão foi importante na hora de escolher a locação. Desde a prospecção do projeto, foi decidido que as personagens, independente que quais fossem, não seriam vitimizadas na narrativa. Apesar de a temática ser carregada de drama e sofrimento, não era essa a imagem que gostaríamos de transmitir aos telespectadores. Por tanto, a direção de arte se encarregou de encontrar uma locação onde pudéssemos explorar a cor e a vida, com o intuito de diluir o peso das entrevistas com a paisagem local.

A gravação foi feita em um sábado, das 7h às 11h da manhã, e foi dividida em dois momentos. Primeiro, realizamos as entrevistas individuais para que cada uma pudesse contar sua própria história com o câncer. Em seguida, fizemos uma roda de conversa com todas elas para que fosse feito um compartilhamento de informações e uma troca de experiências.

Com a utilização da entrevista semiaberta como método de produção, já fomos para cada entrevista com um roteiro pré-estabelecido. Algumas perguntas foram repetidas para todas as entrevistadas, para que ao montar a narrativa, as histórias tivessem alguma singularidade mesmo que com pontos de vista diferentes. Após concluir o roteiro a conversa fluía de acordo com o teor de cada história. O restante das perguntas era formulado na hora e algumas foram sugeridas pelas próprias personagens que sentiram necessidade de contar algo que não havia sido questionado.

O fato de se ter dado liberdade às personagens, num ambiente descontraído, não elimina a noção de que todo o processo é marcado pelo ponto de vista da diretora e com base na história que ela pretendia contar. Da pré-produção ao corte final, o filme documentário é marcado por escolhas que pertencem ao documentarista e estão carregadas de sua subjetividade.

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso. (PUCCINI, 2009, p. 177)

Após a gravação, foi necessário desmembrar todo o material para que a narrativa final ficasse fluida. Precisávamos que as histórias se completassem durante a montagem do filme e isso só foi possível por conta da organização do roteiro de perguntas para o momento das entrevistas.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O documentário foi montado com o objetivo de gerar empatia entre as personagens e os telespectadores. Elas são mulheres comuns, com vidas e conflitos comuns, que passaram por uma doença cada vez mais frequente na sociedade.

O produto final tem 16 minutos de duração e foi montado com o recorte das entrevistas individuais. Optamos por criar blocos temáticos para que o telespectador conseguisse identificar uma sequência lógica dos fatos. O filme começa com a personagem Fran Borges, já com cabelos após se recuperar do tratamento, colocando um lenço como adereço. A fala dela remete ao hábito de se maquiar que tinha quando fazia quimioterapia e serve de gancho para transportar o espectador para o parque Pedra da Cebola, onde uma das personagens entrevistadas aparece se maquiando e sorrindo para a câmera.

A partir daí, são apresentadas em sequência as falas das personagens e a experiência do café da manhã no parque. Primeiro, elas descrevem o momento do diagnóstico, depois, o processo de aceitação da doença. Em um terceiro momento elas esclarecem os fatos referentes à perda de cabelos através de suas próprias experiências. O último bloco é onde elas deixam uma mensagem de ânimo para todas as pessoas que também estão passando pelo processo.

A trilha sonora foi pensada para emocionar positivamente. Ou seja, trazer um ar sentimental sem dramatizar todo o contexto vivido pelas personagens. Como dito anteriormente, o roteiro foi pensado para não vitimizar nenhuma delas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de trazer um olhar diferente sobre um tema tão debatido na sociedade. É comum encontrar produtos que abordam esta temática de forma extremamente dramática e triste. E desde o princípio, esta não era a intenção.

Tentamos traduzir o desejo de expressar tudo o que se passa na cabeça de uma mulher que enfrenta o tratamento oncológico. Elas foram, de fato, as protagonistas desta obra. Tudo foi conduzido e pensado junto com elas.

O resultado final foi só uma pequena etapa do processo. As intenções foram bem mais profundas do que a conclusão de um filme. Queremos que o “Cabeça Nua” seja um momento de aconchego e alento para todas as pessoas que enfrentam este desafio. Ele se mostra como grande auxiliar no processo de aceitação da enfermidade e esperança de que dias melhores virão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER – INCA. Estimativa 2016. Incidência de câncer no Brasil. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/>. Acesso em: 15 abr. 2016.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. **Filmar o real**. Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**, São Paulo: Papyrus, 2005.

PUCCINI, Sergio. Introdução ao roteiro de documentário. **Doc On-line**, n. 6, ago. 2009.